

# O QUE PODEMOS APRENDER SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE COM A SÉRIE “TODXS NÓS”? : ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE SOBRE IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS

Cristiano Eduardo da Rosa<sup>1</sup>  
Jane Felipe<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a série *Todxs Nós* (HBO, 2020) para discutir questões de gênero e sexualidade a partir do audiovisual. Ancorados nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais, a partir da perspectiva pós-estruturalista de análise, utilizamos a etnografia de tela para registrar e analisar cenas e diálogos significativos. A narrativa, centrada em três protagonistas com identidades diversas, problematiza os *scripts* de gênero e amplia as possibilidades de aprendizagem sobre diversidade, interseccionalidade e enfrentamento à cisheteronormatividade. Consideramos que a obra atua como dispositivo cultural que tensiona normas sociais e linguísticas, contribuindo para debates educativos sobre identidades contemporâneas.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Linguagem; Representatividade; Educação.

## Genders and sexualities in “Todxs Nós”: between limits and possibilities for new learning

**Abstract:** This article analyzes the Brazilian series *Todxs Nós* (HBO, 2020) to discuss gender and sexuality issues from an audiovisual perspective. Grounded in Gender Studies and Cultural Studies within a post-structuralist framework, we draw on screen ethnography to record and analyze

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0036-7892>. E-mail: [cristiano1105@hotmail.com](mailto:cristiano1105@hotmail.com).

<sup>2</sup> Instituto Federal Catarinense. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4802-2113>. E-mail: [janefelipe.souza@gmail.com](mailto:janelife.souza@gmail.com)

significant scenes and dialogues. Centered on three protagonists with diverse identities, the narrative questions gender scripts and expands possibilities for learning about diversity, intersectionality, and resistance to cisheteronormativity. We consider that the work operates as a cultural device that challenges social and linguistic norms, contributing to educational debates on contemporary identities.

**Keywords:** Gender; Sexuality; Language; Representation; Education.

## DOS MUITOS NÓS QUE AMARRAM OS CONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

As temáticas de gênero e sexualidade têm ganhado visibilidade crescente nas últimas décadas, ora como pauta de defesa de direitos, ora como alvo de discriminação, além de inúmeras tentativas de invisibilização, especialmente após o crescimento da extrema direita em várias partes do mundo. Nesse contexto, a produção audiovisual tem se destacado não apenas como forma de entretenimento, mas como dispositivo cultural capaz de promover debates, tensionar normas sociais e ampliar possibilidades de reflexão sobre identidades, relações e corpos.

No cenário brasileiro, representações não hegemônicas de gênero e sexualidade ainda são escassas na mídia, especialmente quando se trata de identidades não-binárias. A ausência ou distorção dessas vivências no campo audiovisual contribui para a manutenção de estigmas e para a limitação de repertórios socioculturais que possibilitem a compreensão da diversidade. Assim, analisar obras que propõem narrativas plurais torna-se relevante para os Estudos de Gênero, para os Estudos Culturais e para a Educação, ao favorecer discussões críticas sobre representatividade, linguagem e interseccionalidade.

É nesse panorama que se insere a série brasileira *Todxs Nós* (HBO, 2020), que apresenta três protagonistas — um garoto cisgênero homossexual, uma garota cisgênero heterossexual e uma garote não-binária pansexual —, colocando em pauta temas como identidade de gênero, linguagem neutra, racismo, feminismo e juventude contemporânea. A presença inédita de uma personagem não-binária como protagonista e o uso consistente da linguagem neutra configuram elementos centrais para problematizar os *scripts* de gênero e suas implicações sociais.

Este artigo analisa a série *Todxs Nós*, articulando sua problematização a produções acadêmicas sobre gênero e sexualidade (Seffner, 2003; Bento, 2006; Butler, 2012; Lanz, 2017; Felipe, 2019) e sobre língua e linguagem (Labov, 2001; Bagno, 2002; 2012; Lima, 2017; Carvalho; Brito, 2020). A investigação adota uma perspectiva pós-estruturalista e se inspira metodologicamente na etnografia de tela (Rial, 2005; Balestrin; Soares, 2014), contemplando o registro detalhado de diálogos, a observação minuciosa de cenas e a seleção de trechos narrativos considerados mais significativos para a problematização dos temas abordados.

Ao desenvolver esta investigação, buscamos compreender de que maneira a série tensiona os *scripts* de gênero, constrói representações plurais da diversidade e oferece subsídios para aprendizagens críticas acerca das relações entre gênero, sexualidade, linguagem e Educação. Essa análise parte do entendimento de que produtos culturais, como séries televisivas, não apenas refletem realidades sociais, mas também as moldam e influenciam, atuando como espaços de disputa simbólica nos quais normas e valores podem ser reafirmados, questionados ou transformados. Nesse sentido, a obra *Todxs Nós* é examinada para além do entretenimento, mas como artefato cultural capaz de provocar deslocamentos na maneira como se percebem e se discutem identidades

contemporâneas, contribuindo para um debate mais qualificado sobre diversidade e direitos humanos no contexto brasileiro.

## **SCRIPTS DE GÊNERO E IDENTIDADES NÃO-BINÁRIAS**

A compreensão das identidades de gênero exige a análise dos *scripts* — roteiros, normas e prescrições veiculados por discursos e instituições — que moldam expectativas sobre o que significa ser homem ou mulher em determinada cultura e tempo histórico (Felipe, 2019). Esses *scripts*, aprendidos e reforçados desde a infância, orientam comportamentos, expressões corporais e representações sociais, operando como dispositivos de regulação e controle dos corpos (Butler, 2012). Na maioria das vezes, tais normas são impostas de maneira naturalizada, fazendo parecer que tais atributos são “naturais” ou “essenciais”, quando, na realidade, resultam de processos históricos e culturais.

Pesquisas como as de Cristiano Eduardo da Rosa (2019) e Michele Lopes Leguiça (2019) mostram que crianças não apenas assimilam esses *scripts*, mas também podem reproduzi-los ou tensioná-los, ainda que dentro de limites socialmente aceitáveis. A dificuldade em negociar identidades dissidentes no mundo adulto muitas vezes está ligada a essas aprendizagens precoces, que restringem o repertório de possibilidades de ser e existir.

Letícia Lanz (2017) observa que qualquer identidade não-binária é, juridicamente, considerada uma transgressão de gênero e, portanto, parte do guarda-chuva das transgeneridades. Judith Butler (2012), ao discutir a performatividade de gênero, reforça que masculinidades e feminilidades não podem ser entendidas como verdades originárias ou essências fixas; são construções reiteradas e

sustentadas socialmente, mas também sujeitas a falhas, rupturas e ressignificações. Berenice Bento (2006) complementa essa visão ao afirmar que o gênero só existe na prática e na experiência, sendo constituído por interpretações dinâmicas sobre o masculino e o feminino, e dificilmente um sujeito vai contemplar todos esses atributos prescritos que indicariam uma hegemonia (Seffner, 2003).

A não-binaridade, nesse contexto, não deve ser confundida com androginia: enquanto a primeira diz respeito à identidade de gênero — isto é, à forma como a pessoa se reconhece frente às concepções de homem e mulher —, a segunda refere-se à expressão de gênero, que envolve vestimentas, gestualidade e outros códigos sociais. Essa distinção é fundamental para evitar leituras simplistas que associam identidades não-binárias a estéticas únicas ou categorizadas.

Na série *Todxs Nós*, a personagem Rafa encarna a tensão entre *scripts* impostos e vivências dissidentes. Por meio de interações cotidianas — como correções de pronomes, negociações de linguagem e enfrentamento de preconceitos —, Rafa evidencia que a construção de uma identidade não-binária é um processo contínuo, atravessado por dimensões afetivas, políticas e linguísticas. A expectativa de que pessoas LGBTQIAPN+ — Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outros — se reconheçam mutuamente em suas lutas é problematizada pela relação com Vini, cuja postura inicial mostra como a homonormatividade pode perpetuar exclusões dentro da própria comunidade. Logo no primeiro episódio, frente às dúvidas de Vini e Maia sobre seu gênero, Rafa destaca ao primo que "Mesmo no universo LGBTQI, as pessoas não binárias ainda não são muito bem compreendidas. Mas é um processo, eu te ajudo!".



Ao representar uma personagem não-binária como protagonista, *Todxs Nós* não apenas amplia a visibilidade dessa identidade no audiovisual brasileiro, mas também questiona os *scripts* de gênero que sustentam a cisheteronormatividade. Dessa maneira, a obra se torna um espaço de disputa simbólica, no qual a performatividade de gênero pode ser reescrita, abrindo possibilidades para que novas formas de ser e de se relacionar ganhem reconhecimento social e cultural.

## LINGUAGEM NEUTRA E REPRESENTATIVIDADE LINGÜÍSTICA

A linguagem, enquanto prática cultural e social, não é neutra: ela reflete e reproduz hierarquias, valores e desigualdades. Desde a década de 1970, autoras como Casey Miller e Kate Swift (1995) apontaram a necessidade de reformas linguísticas para combater o sexismo e promover formas de comunicação mais inclusivas. No Brasil, estudiosos como Marcos Bagno (2002) e Dannel Carvalho e Dorothy Brito (2020) destacam que a língua não apenas registra a realidade, mas participa ativamente da construção de imaginários sociais, legitimando ou marginalizando sujeitos conforme as maneiras de nomeação disponíveis.

A linguagem neutra surge nesse cenário como uma proposta de ruptura com a gramática binária tradicional, buscando contemplar identidades que não se enquadram nas categorias normativas de “masculino” e “feminino”. O uso de sufixos como “-e” (ex.: “amigue”, “todes”) ou recursos como o “x” e o “@” têm a função de incluir pessoas não-binárias e reduzir o sexismo linguístico. Embora haja debates sobre sua implementação — envolvendo linguistas, educadores/as, ativistas e gramáticos/as —, essas formas se inserem em um processo histórico de transformação linguística, semelhante a outras mudanças já consolidadas, como a adoção de termos não sexistas em documentos oficiais.

No contexto brasileiro, a resistência à linguagem neutra frequentemente mobiliza argumentos sobre a “pureza” ou a “correção” da língua, os quais, como aponta Bagno (2002), configuram formas de preconceito linguístico. Essa resistência também se relaciona a disputas políticas mais amplas, em que a recusa ao uso da linguagem neutra se torna um marcador ideológico contra pautas de diversidade e inclusão.

A série *Todxs Nós* insere a linguagem neutra de maneira naturalizada e recorrente, especialmente nas falas de Rafa, mas também como elemento que gera conflito narrativo. Personagens que não compreendem ou se recusam a utilizar essa modalidade linguística — como Vini em alguns momentos — dão voz às tensões reais presentes no debate público brasileiro. Ao mesmo tempo, a obra apresenta cenas de aprendizado e adaptação, nas quais a linguagem neutra é incorporada por outros personagens, reforçando sua dimensão pedagógica.

A comparação com o pajubá, discutido por Carlos Henrique Lucas Lima (2017), é pertinente: ambos são fenômenos linguísticos criados a partir das necessidades comunicativas de grupos marginalizados, funcionando como instrumentos de resistência e afirmação identitária. Enquanto o pajubá é marcado por seu caráter comunitário e cifrado, a linguagem neutra se apresenta como reivindicação de presença no espaço público e institucional.

Assim, mais do que uma simples variação linguística, a linguagem neutra se configura como um ato político. Seu uso desafia o monopólio normativo sobre a língua e amplia os horizontes de reconhecimento social para identidades não contempladas pelas formas binárias. Ao dar centralidade a essa prática, *Todxs Nós* contribui para inserir o debate no cotidiano dos espectadores, articulando representação midiática e disputa simbólica de maneira potente e contemporânea.

## PROCESSOS METODOLÓGICOS E ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, de perspectiva pós-estruturalista, que reconhece a produção de sentidos como um processo situado, histórico e relacional. O objetivo não foi a busca de “verdades” únicas ou definitivas, mas a construção de interpretações possíveis, ancoradas no diálogo entre teoria, material empírico e contexto sociocultural.

A escolha da série *Todxs Nós* como objeto de estudo decorre de sua relevância inédita no cenário audiovisual brasileiro, tanto pela presença de uma personagem protagonista não-binária quanto pelo uso consistente da linguagem neutra. A análise tomou como inspiração metodológica a etnografia de tela (Rial, 2005; Balestrin; Soares, 2014), técnica adaptada dos estudos antropológicos e aplicada ao exame de obras audiovisuais. Essa abordagem permite investigar como narrativas e recursos visuais constroem significados, articulando a observação detalhada com a interpretação contextual.

O corpus da pesquisa é composto por todos os oito episódios da primeira temporada de *Todxs Nós*, produzida e exibida pela HBO Latin America em 2020, com duração aproximada de 30 minutos cada e classificação indicativa de 18 anos. A narrativa acompanha três protagonistas — Vini, Maia e Rafa —, abordando questões de gênero, sexualidade, racismo, feminismo, juventude contemporânea e diversidade linguística.

Os títulos dos episódios destacam elementos centrais da produção, pois resumem o enredo de cada semana e apontam reflexões sobre as temáticas abordadas: (i) *Ser e não ser* - aborda identidade e acolhimento; (ii) *O “X” da questão* - trabalho, arte e assédio; (iii) *Porcos privilégios* - consciência de classe e



vulnerabilidade trans; (iv) *O destino deu match* - afeto, instabilidade e recomeços; (v) *Chega de boy lixo!* - rupturas e empoderamento; (vi) *Tretas, pra que te quero* - conflitos e reviravoltas; (vii) *Existe amor em SP?* - racismo e resistência; e (viii) *Agora é guerra* - violência, saúde e revanche.

O procedimento metodológico seguiu as seguintes etapas: (i) visualização exploratória – assistimos a todos os episódios para uma compreensão geral da trama, identificando temas recorrentes, personagens-chave e recursos narrativos relevantes para a discussão de gênero e sexualidade; (ii) registro sistemático – em uma segunda visualização, elaboramos um diário de campo audiovisual compartilhado, anotando diálogos, expressões, elementos cenográficos, figurinos e trilha sonora, bem como o contexto em que apareciam; (iii) seleção de cenas “potentes” – identificamos sequências que tensionavam *scripts* de gênero ou apresentavam representações não-hegemônicas de sexualidade e linguagem, essas cenas foram recortadas e descritas; (iv) análise articulada ao referencial teórico – dialogamos com autores dos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, interpretando as representações observadas; e (v) consulta a materiais complementares – utilizamos entrevistas com elenco e roteiristas, o *podcast* oficial *Todxs Nós*, o aplicativo HBO Extras e materiais de divulgação para compreender as intenções da produção e o contexto de recepção.

A escolha dessa metodologia se justifica por sua capacidade de capturar as nuances narrativas e simbólicas que estruturam a obra, considerando não apenas o conteúdo explícito, mas também os elementos implícitos que informam sobre as relações entre gênero, sexualidade, linguagem e poder. Ao adotar uma perspectiva interpretativa e relacional, buscamos compreender como *Todxs Nós* não apenas reflete

realidades sociais, mas também as tensiona e transforma por meio de sua construção audiovisual.

Cabe destacar ainda que a série foi indicada ao Rockie Awards International Program Competition 2021 na categoria Melhor Série de Comédia; ganhou o CSR & Diversity Awards como melhor iniciativa de diversidade do ano e o Prêmio ABRA de Roteiro 2021 como Melhor Roteiro de Série de Ficção - Comédia, além de receber o Prêmio Aberje na categoria "Diversidade e Inclusão".

## **REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM *TODXS NÓS***

A série tensiona a binaridade de gênero ao introduzir, pela primeira vez no audiovisual brasileiro, uma personagem protagonista não-binária — Rafa. Sua presença, articulada à de Vini (gay, cisgênero, branco) e Maia (heterossexual, cisgênero, negra), permite múltiplas leituras interseccionais que desafiam representações tradicionais da mídia. Criada por Vera Egito, Daniel Ribeiro e Heitor Dhalia, tendo como colaboradoras de roteiro Alice Marccone e Thays Berbe, a produção foi concebida com a intenção declarada de abordar, de maneira leve e acessível, temas urgentes relacionados à diversidade sexual e de gênero no Brasil, especialmente para o público jovem-adulto.

Desde o primeiro episódio, nota-se que a orientação sexual não garante, por si só, compreensão das complexidades de gênero: Rafa espera empatia de Vini por ele ser homossexual, mas se depara com incompreensões e resistências, evidenciando que as vivências de pessoas não-binárias nem sempre encontram acolhimento pleno dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Essa tensão é dramatizada em cenas em que Vini ironiza a linguagem neutra,

apontando para como a homonormatividade pode reproduzir o conservadorismo linguístico e de costumes (Duggan, 2002).

A série também evidencia que identidades não-binárias são processos — primeiramente de auto entendimento e, em seguida, de reconhecimento social — que envolvem negociações contínuas com normas sociais e expectativas alheias. Em diversos momentos, Rafa é confrontada por familiares, clientes ou desconhecidos que questionam sua aparência e pronomes, o que ilustra a ideia de *scripts* de gênero (Felipe, 2019) e a necessidade de reiterar performances dissidentes para consolidar o reconhecimento social (Butler, 2012).

Momentos de conflito e violência, como a agressão LGBTfóbica sofrida por Rafa e Vini no sétimo episódio, evidenciam a persistência de práticas discriminatórias no espaço urbano, reforçando a necessidade de políticas e ações afirmativas. Em contrapartida, há também cenas que mostram redes de apoio e afeto, como quando Maia defende Rafa em um embate com clientes transfóbicos, sinalizando que a solidariedade interseccional é possível, ainda que construída com esforço e diálogo.

Personagens secundários, como a mãe de Vini ou colegas de trabalho de Maia, funcionam como contrapontos narrativos que salientam nuances de aceitação, ignorância ou preconceito velado. Esses encontros ampliam a compreensão de que gênero e sexualidade não operam isoladamente, mas em diálogo constante com outros marcadores sociais, como classe, raça e geração.

Ao construir narrativas que se afastam de representações visuais e discursivas marcadas, operando com uma ideia de corpo estranho (Louro, 2016), *Todxs Nós* também contribui para reconfigurar o imaginário sobre corpos

dissidentes, reforçando que estes podem ocupar múltiplos espaços — da festa ao trabalho, da intimidade ao ativismo — sem estarem restritos a ideais fixos ou caricaturais. Assim, a série não apenas representa, mas performa pedagogicamente a possibilidade de novas maneiras de convivência e reconhecimento, tanto no campo midiático quanto no social.

## LINGUAGEM NEUTRA COMO ELEMENTO NARRATIVO E POLÍTICO

A linguagem neutra, central na construção de Rafa, é introduzida já no episódio inicial de forma intencionalmente pedagógica, com cenas em que se apresenta e corrige os pronomes utilizados por outras personagens. Ao longo da trama, o uso de formas neutras é naturalizado entre algumas personagens, mas também alvo de resistência, incompreensão e, por vezes, ridicularização — refletindo debates contemporâneos no Brasil sobre as possibilidades e limites dessa prática linguística.

Do ponto de vista histórico, a linguagem neutra se insere em um conjunto mais amplo de disputas políticas sobre representatividade linguística, comparável a outras reformas já implementadas em diferentes contextos, como as orientações para uso não sexista da linguagem (Miller; Swift, 1995; Governo do RS, 2014) ou a criação de léxicos específicos de resistência, como o pajubá (Lima, 2017). Enquanto o pajubá se desenvolveu como código de comunicação cifrado e identitário entre sujeitos LGBTQIAPN+, a linguagem neutra busca modificar a gramática padrão para garantir que pessoas não-binárias e dissidentes de gênero sejam incluídas em processos comunicativos formais e informais.

Na série, termos como “prime”, “criative” e “tatuade” não apenas identificam Rafa, mas também funcionam como marcadores narrativos que geram tensão dramática. Em uma

das cenas mais emblemáticas, Vini se recusa a adotar a linguagem neutra, argumentando que “a língua é assim desde sempre” — uma fala que condensa o discurso normativo frequentemente utilizado para justificar a exclusão linguística. Esse tipo de conflito, ao mesmo tempo cotidiano e estrutural, evidencia o que Bagno (2002) denomina preconceito linguístico: a recusa de mudanças legítimas na língua, muitas vezes disfarçada de defesa da “correção gramatical”, mas que, na prática, mantém hierarquias e exclusões, pois assim como a língua reflete padrões comportamentais, ela também recebe influências do meio social (Labov, 2001).

O caráter político da linguagem neutra se torna ainda mais evidente quando a série extrapola a narrativa e se conecta a ações de impacto social promovidas pela própria HBO, como o lançamento do *Guia de Linguagem Inclusiva* e a criação do 1º *Prêmio de Jornalismo Inclusivo*. Essas ações demonstram que a produção buscou não apenas representar, mas também intervir no debate público, articulando mídia e ativismo cultural.

Além disso, o uso de linguagem neutra em *Todxs Nós* é acompanhado de outros recursos discursivos que reforçam sua dimensão de resistência, como o emprego de gírias e expressões LGBTQIAPN+ e a alternância entre registros formais e informais, mostrando que a comunicação não é estática e que a língua se transforma pela ação de seus falantes. Ao fazer da linguagem neutra um elemento de conflito e de afeto, a série demonstra que debates linguísticos são também debates sobre poder, pertencimento e legitimidade de existências dissidentes.

Assim, mais do que um recurso estilístico ou um detalhe da caracterização de personagens, a linguagem neutra em *Todxs Nós* atua como um verdadeiro dispositivo pedagógico e político. Ao inserir essa modalidade linguística em interações

cotidianas e em diferentes contextos narrativos, a série evidencia que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um campo de disputa simbólica, no qual se definem quais identidades são reconhecidas e legitimadas. Essa dimensão é reforçada pelo fato de que a linguagem neutra, ao romper com a estrutura binária tradicional do português, desafia normas gramaticais historicamente associadas à manutenção de hierarquias de gênero (Bagno, 2002; Miller; Swift, 1995).

Nesse sentido, *Todxs Nós* convida espectadores não apenas a tomar contato com novas formas de expressão, mas a refletir sobre o papel ativo que a linguagem exerce na construção — e na expansão — dos horizontes de reconhecimento social. Ao fazer isso em um produto de entretenimento de ampla circulação, a obra contribui para deslocar o debate da esfera restrita dos ativismos e espaços acadêmicos, introduzindo-o no cotidiano e tornando-o acessível a públicos mais diversos, o que maximiza seu potencial de transformação cultural.

## INTERSECCIONALIDADE E PLURALIDADE IDENTITÁRIA EM *TODXS NÓS*

A narrativa de *Todxs Nós* articula questões de gênero e sexualidade com outros marcadores sociais, como raça, classe, geração e territorialidade, evidenciando que as opressões e os privilégios não atuam de maneira isolada, mas interseccionada — conceito elaborado por Kimberlé Crenshaw (1989) e que tem sido amplamente operado em diversos campos, como nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais.

Maia, mulher negra, heterossexual e feminista, enfrenta o racismo estrutural e o sexismo cotidiano, especialmente no ambiente de trabalho, onde sofre tentativas de silenciamento e subestimação de suas capacidades. Sua trajetória exemplifica a

sobreposição de opressões raciais e de gênero, mostrando que a vivência feminina não é homogênea e que as barreiras enfrentadas por mulheres brancas diferem das que atingem mulheres negras.

Vini, homem gay, cisgênero e branco, vivencia preconceito por sua orientação sexual, mas também usufrui de privilégios raciais e de classe que lhe permitem circular com relativa segurança em certos espaços sociais. Seu personagem evidencia como a homossexualidade masculina branca é, em alguns contextos, mais aceitável socialmente do que outras dissidências, o que dialoga com o conceito de homonormatividade (Duggan, 2002).

Rafa, pessoa não-binária e branca de classe média, é representada como alguém com acesso a recursos materiais, simbólicos e redes de apoio que facilitam sua expressão de gênero. Isso não diminui as experiências de preconceito e violência que sofre, mas ressalta que o impacto da transfobia é atravessado por outros eixos de privilégio, como raça e classe.

Essas camadas de análise ganham força por meio das interações entre os protagonistas e personagens secundários, como clientes do estúdio de tatuagem, familiares e colegas de trabalho. As diferentes maneiras de discriminação — desde ofensas explícitas até micro agressões sutis — mostram que a interseccionalidade não seria uma teoria abstrata, mas uma lente necessária para compreender o cotidiano das opressões e resistências. Rafa chega a pontuar no segundo episódio como inclusive Vini e Maia precisam se desconstruir: "Vocês acham que ser gay e ser feminista é super revolucionário, né?! Mas vocês não param realmente pra pensar o que é gênero e o que é sexualidade!".

A escolha de cenários, figurinos e trilha sonora também reforça essa diversidade. A ambientação do apartamento e do

estúdio de tatuagem, distantes de sentidos comuns visuais e sonoros frequentemente associados à população LGBTQIAPN+, cria espaços de afeto e pertencimento. A trilha sonora, que inclui artistas como Linn da Quebrada, Luedji Luna e Mc Trans, conecta as narrativas dos personagens a movimentos culturais e políticos que discutem gênero, raça e classe, reforçando o papel da arte como instrumento de resistência e afirmação identitária.

Ao representar protagonistas com vivências tão distintas, *Todxs Nós* desafia a tendência midiática de homogeneizar a experiência LGBTQIAPN+, mostrando que a diversidade interna do grupo é marcada por desigualdades estruturais e por estratégias variadas de resistência. Essa abordagem oferece ao público uma compreensão mais complexa e realista das intersecções entre opressões e privilégios, contribuindo para um debate educacional mais qualificado sobre diversidade.

## DESATANDO ALGUNS NÓS DAS IDENTIDADES PLURAIS DA CONTEMPORANEIDADE

A análise da série *Todxs Nós* evidenciou que a produção se consolida como um artefato cultural de relevância singular no debate brasileiro contemporâneo sobre gênero, sexualidade e linguagem. Ao inserir, pela primeira vez no audiovisual nacional, uma personagem protagonista não-binária e ao utilizar de maneira consistente a linguagem neutra, a série não apenas amplia a visibilidade de identidades dissidentes, mas também provoca o público a refletir sobre as normas sociais e linguísticas que estruturam a cisheteronormatividade.

A abordagem metodológica inspirada na etnografia de tela permitiu apreender as múltiplas camadas narrativas que compõem a obra. As representações de gênero e sexualidade



emergem articuladas a outros marcadores sociais, como raça, classe e geração, configurando um retrato interseccional que escapa à homogeneização frequentemente observada nas mídias de massa. Essa articulação é fundamental para compreender que as experiências de opressão e privilégio são diversas e, muitas vezes, coexistentes no mesmo sujeito.

Do ponto de vista educacional, *Todxs Nós* indica potencial como recurso pedagógico em contextos formais e não formais, estimulando o desenvolvimento de pensamento crítico sobre representatividade, diversidade e direitos humanos. O uso da linguagem neutra, por exemplo, pode servir como ponto de partida para debates em sala de aula sobre o papel da língua na produção e manutenção de desigualdades, bem como sobre a legitimidade das transformações linguísticas promovidas por movimentos sociais.

Entre as principais contribuições desta análise, destacam-se: (i) a problematização dos *scripts* de gênero e a abertura de espaço para identidades não-binárias no audiovisual brasileiro; (ii) a articulação consistente entre narrativas de gênero/sexualidade e outros marcadores sociais, reforçando a importância da interseccionalidade; (iii) a exposição, por meio de conflitos narrativos, das tensões internas à própria comunidade LGBTQIAPN+, evitando abordagens simplificadoras; e (iv) a valorização de estratégias linguísticas e estéticas que funcionam como dispositivos de resistência cultural.

Entretanto, é importante reconhecer que, ao optar pelo formato de comédia dramática, a série por vezes suaviza ou resolve rapidamente conflitos que poderiam ser explorados com maior profundidade, o que limita seu potencial de problematização. Ainda assim, a obra oferece um marco

relevante para futuras produções audiovisuais que pretendam abordar diversidade e direitos humanos no Brasil.

Como desdobramentos, pesquisas futuras poderiam explorar a recepção da série por diferentes públicos — especialmente jovens, educadores/as e pessoas LGBTQIAPN+ — e investigar seu potencial como recurso formativo em práticas pedagógicas. Também seria produtivo analisar como outras produções brasileiras e latino-americanas estão incorporando (ou resistindo a incorporar) representações de gênero e sexualidade dissidentes, ampliando o mapeamento de práticas culturais que desafiam a cisheteronormatividade.

Em síntese, *Todxs Nós* não tem a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas abre um campo fértil para reflexões e ações transformadoras. Ao tensionar normas sociais e linguísticas, a série convida espectadores/as, educadores/as e pesquisadores/as a repensar maneiras de viver, representar e ensinar sobre gênero, sexualidade e linguagem no Brasil contemporâneo. Diante da urgência de ampliar representações inclusivas no audiovisual, torna-se imprescindível que políticas culturais, práticas educativas e produções midiáticas dialoguem para construir narrativas que reflitam a pluralidade da experiência humana e contribuam para a efetivação dos direitos e da dignidade de todas as pessoas.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etnografia de Tela”: uma aposta metodológica. *In*: MEYER, Dagmar

Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 89-111.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Dannel; BRITO, Dorothy. Gênero e língua(gem): diferentes práticas teóricas. *In*: CARVALHO, Dannel; BRITO, Dorothy (org.). **Gênero e Língua(gem): formas e usos**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 7-18.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

DUGGAN, Lisa. The new homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. *In*: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana (org.). **Materialising democracy: towards a revitalized cultural politics**. Durham: Duke University Press, 2002. p. 175-194.

FELIPE, Jane. *Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente*. *In*: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellino (org.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.  
Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Manual para uso não sexista da linguagem**: o que bem se diz bem se entende. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

HBO. **Guia de Linguagem Inclusiva**: Todxs Nós. 2020. Disponível em: <http://pji.portaldosjornalistas.com.br/wp-content/uploads/2020/05/GuiaTodxsNos.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2. ed. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

LEGUIÇA, Michele Lopes. **“Atira no coração dela”**: corpos e *scripts* de gênero na Educação Infantil. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **Linguagens pajubeyras**: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador: Devires, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MILLER, Casey; SWIFT, Kate. **The handbook of nonsexist writing**: for writers, editors and speakers. 3. ed. London: The Women's Press, 1995.



RIAL, Carmem Silva. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. *In*: GROSSI, Miriam et al. (org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.

ROSA, Cristiano Eduardo da. **Educação, infâncias e arte *drag***: a literatura subvertendo os *scripts* de gênero. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

*Recebido em 12/08/2025.*

*Aprovado em 22/10/2025.*